

LEGADO

OLINDO

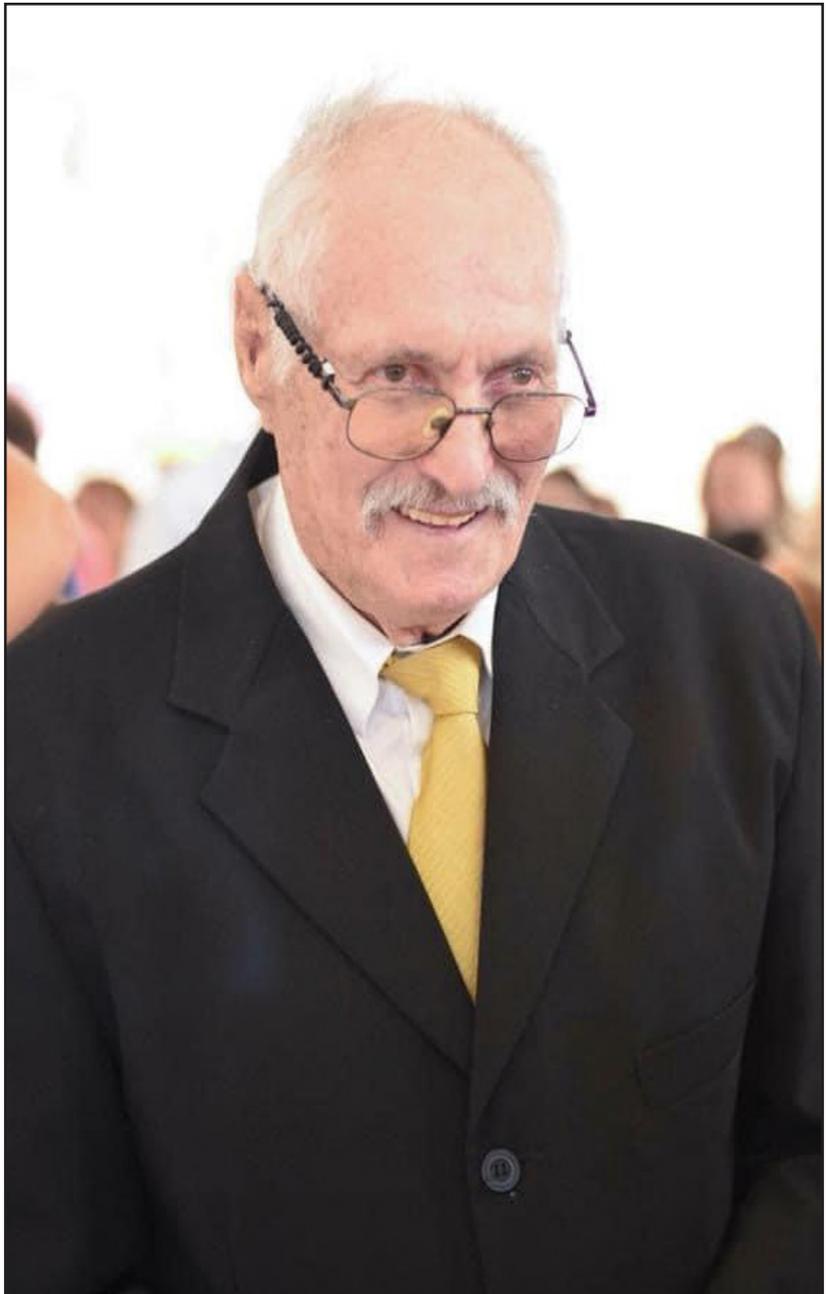
ANTONIO DE BONA

LEGADO
OLINDO ANTONIO DE BONA



Texto: Marcelo Aramis
Diagramação: João Victor T. Martins, Marcelo Aramis
Edição e Revisão: Legado - Histórias de Vida
Fotos: Arquivo pessoal
Ano: 2020

www.historiasdevida.com.br



Olindo senta confortavelmente, apoia a gaita na perna e abre o fole. Dedilha o teclado, fecha e abre o fole novamente, como um profissional do acordeon. Com o pé, marca o compasso e, de olhos fechados, sente a melodia. Para quem observa a cena, o som que ele toca não tem sequer um acorde harmonioso. Não é, na prática, uma música. Porque Olindo não conhece música, nunca tocou instrumento algum e, desde que era um bebê, não ouve nenhum som. O que ele reproduz no seu emocionado tocar do acordeon são os gestos e os movimentos que viu alguém fazer, na vida ou na TV. Olindo toca porque sente. E em matéria de sentir, o gaiteiro da família De Bona sempre foi um talento excepcional.

Provavelmente, todos os sons que Olindo ouviu na vida foram canções de ninar da mãe, Maria Domênica Tremea De Bona, e talvez do pai, Fedele de Bona, incentivando o primeiro dos nove filhos a balbuciar suas primeiras palavras. Nessa época, por volta do seu primeiro aniversário, Olindo sofreu uma pneumonia. Vivendo na Linha Colomba, interior de Guaporé, sem recursos médicos, e talvez com pouco entendimento para perceber a gravidade do problema, a família chegou

tarde ao médico. A medicina da época receitou um remédio forte à altura do problema. Mas tão forte que o menino teve danos irreversíveis aos ouvidos: a perda total da audição. O efeito colateral foi percebido só mais tarde, quando a criança que recém começava a falar, não apresentou nenhum progresso no aprendizado das palavras.

A família De Bona cresceu: foram mais seis filhos desde o primogênito. Aos 39 anos, quando Olindo tinha 16, a mãe morreu por complicações da hipertensão. Fedeles casou-se anos mais tarde com a mulher que o ajudou na criação dos filhos, Helena. Com ela, chamada de madrinha pelos enteados e netos, teve mais dois filhos.

Olindo nunca frequentou a escola e não aprendeu a linguagem de libras. Sua comunicação foi baseada em gestos que ele mesmo criou para se fazer entender. Aos 24 anos, saiu da casa dos pais para ir em busca da sua primeira paixão: o trabalho como operador de máquinas na construtora de estradas Toniolo Busnello, o único emprego que teve, no qual trabalhou por 43 anos. Tinha 27 anos quando conheceu Teresinha, aos 18, durante uma das grandes obras da empresa. Na época, a Toniolo Busnello abria uma estrada entre Encantado e Muçum. Teresinha era garçonete no Hotel Turatti, em Encantado, onde os trabalhadores se hospedaram durante a obra. “Eles ficaram um bom tempo por lá. Tinha uma mesa grande e eu lembro de ele estar sempre de costas para a porta. Eu ia servir a mesa e ele não me via chegando”,

descreve. “Os colegas mexiam com ele: falavam que eu tinha dito que gostava dele. Ele fazia que não, que eu não gostava dele, que era papo dos amigos”, conta Teresinha, reproduzindo os gestos do marido. A obra durou quase dois anos e, entre as brincadeiras dos amigos durante as refeições, sobre o suposto amor entre os dois (que Teresinha nunca confirmou ter dito, mas também não contrariou); a roda de chimarrão na cozinha do hotel, após o jantar; e as brincadeiras de uma costureira, amiga dos dois, de também sugerir o namoro, Teresinha e Olindo se apaixonaram de verdade.

A família da noiva viu Olindo uma só vez antes do

“Eu não entendia nada. Não sabia fazer os gestos. Os outros iam ajudando e a gente foi se entendendo”, lembra Teresinha.

casamento. Da família do noivo, o pai, Fedeles, esteve em Encantado para uma conversa séria com Teresinha. Queria ver de perto a moça e o namoro que o filho relatava quando ia, aos finais de semana, para casa. “Se tu quer casar com ele, que seja um casamento para toda a vida”, disse o pai do noivo à pretendente. Teresinha, que, até então, sonhava em ser freira – compromisso vitalício

também – disse sim, com o coração tranquilo pela certeza do “para sempre”. E o pai do noivo se encarregou dos preparativos. Teresinha e Olindo se casaram em Encantado, ela deixou de trabalhar no hotel e eles foram morar em uma casa alugada pela empresa.

Dois meses após o casamento, Teresinha engravidou do primeiro filho, Edelvandro, nascido em 1968. Quando o filho tinha 11 meses, a família foi transferida para Chapecó, em Santa Catarina. “Eu não tinha ninguém de conhecido quando a gente mudou para lá. Fiquei meio perdida”, conta Teresinha que, mãe de primeira viagem, longe de qualquer conhecido, não tinha muitos problemas com as frequentes mudanças para acompanhar o trabalho de Olindo. “A gente pegava lugar muito ruim para morar, com água longe... Em uma época em que se usava fraldas de pano, eu buscava água em um poço, enchia o tanque, lavava roupa nos vizinhos”, recorda Teresinha, sem reclamar. “No começo, eu achava normal. Ultimamente é que a gente começou a ter vontade de se firmar num lugar”, explica. Em Chapecó, a família morava em um conjunto de casas populares, com quatro peças, construídas pela Toniolo para abrigar os funcionários ao redor da sede administrativa.

Sentir o chão

Depois de seis anos em Chapecó, entre idas e vindas do marido para empreitadas que duravam até 15 dias, os De Bona foram transferidos para Santiago - RS. E nessa época a família tinha mais um membro, Leandro, nascido em 1971. "Olindo já estava em Santiago e mandaram buscar a mudança, que já tinha casa para nós", conta Teresinha, sobre a época em que a empresa passou também a alugar casas nas cidades para onde transferia as famílias. "Mas chegamos lá e não tinham providenciado casa. Dormimos em uma pensão, ficamos para lá e para cá por um tempo. Depois eles arrumaram uma casa e a gente se acomodou ali por mais um tempo". Em Santiago, moraram por seis anos. Quando foram transferidos para Caxias do Sul, as mudanças, pelo menos de cidade, cessaram. Aqui, moraram em diversos bairros, conforme as trocas de aluguel da empresa. E, nessa época, nasceu a caçula, Lisandra, em 1975.

"A adoração dele era trabalhar com máquinas. Ele trabalhava com qualquer tipo de máquina", diz Teresinha que, com uma vida cheia de mudanças de cidade, viu o marido firmar raízes na empresa. "Eles também gostavam muito dele lá", conta, ao mencionar as diversas homenagens, com direito à placa de prata, que Olindo recebeu na Toniolo Busnello. "Aonde a gente passava ele se orgulhava de ter feito aquela estrada. Quase em Caxias inteira ele tinha um lugar para mostrar que tinha

feito." Com a mesma intensidade que Olindo se orgulhava de ter aberto estradas, como trechos perigosos da Rota do Sol, Teresinha temia tal ofício.

O trabalho árduo na Toniolo rendeu economias para comprarem a primeira casa, humilde, no bairro Pioneiro.

“Uma vez eu cheguei na Toniolo e pedi: ‘por que vocês põem ele nos lugares mais perigosos sempre?’”, conta a esposa.

“Porque ele tem a melhor visão, a melhor noção do perigo”, ouviu como resposta. Olindo tinha um sexto sentido, como um alerta, para o seu trabalho. Era como se a falta da audição e da fala tivesse redobrado o cuidado e despertado o talento de sentir o chão, calcular com precisão cada avanço sobre o terreno instável.

O primeiro acidente de trabalho ocorreu antes mesmo de Olindo estar em seu “lugar seguro”, o banco do trator. “Às seis da manhã, a Toniolo passava em casa para buscá-lo. Um dia, o caminhãozinho estava subindo a rua e ele começou a abanar. Veio um carro de trás e bateu nele”, conta Teresinha. O acidente resultou em uma fratura no fêmur, uma placa com 13 parafusos e 10 meses sem trabalhar. “Ele estava sempre de mau humor porque

tinha que ficar em casa, usar muletas e não podia nem ir ao mercado. E ele adorava o serviço.” Nessa época de férias forçadas, Teresinha foi à Toniolo pedir outras, aquelas acumuladas do marido que “não tirava muitas férias”. O dinheiro, somado ao da venda da casa no Pioneiro, foi suficiente para construir a casa no bairro Santa Lúcia, onde a família mora até hoje.

O segundo acidente grave foi durante o trabalho, aos 62 anos, quase 10 anos depois de se aposentar (e continuar trabalhando). Em Veranópolis, em um desses lugares que Teresinha temia, o trator tombou. “Deu nove voltas”, conta ela. Olindo pulou ao pé do morro, antes de o trator cair em um rio. O acidente, e três costelas quebradas, colocaram o homem em casa por novos 10 meses. Mas não o fizeram deixar de trabalhar. A despedida da Toniolo Busnello ocorreu somente 10 anos depois, a contragosto. Em uma viagem a Guaporé, na casa da família de Olindo, Teresinha ouviu da sogra que dois dos colegas de trabalho do marido, que moravam na cidade, haviam morrido por problemas de pulmão, segundo ela, causados pelo pó aspirado na construção de túneis. “Fiquei com aquilo na cabeça. E disse para o meu filho mais velho: estou preocupada com o pai”, conta. Tempos depois, quando Olindo teve uma gripe, Teresinha aproveitou para fazer um raio X. Uma mancha no pulmão – segundo os médicos, uma fibrose – possivelmente da época em que teve a pneumonia, na infância, motivou um tratamento com corticoides. A intensidade do tratamento, somada à idade do paciente,

fizeram os médicos sugerirem a aposentadoria, de fato. “Liguei na Toniolo e pedi para liberarem ele. Disseram que não, que era o melhor funcionário e o queriam por mais dois anos, pelo menos”, explica Teresinha. Quando ela apresentou o laudo médico, a empresa cedeu e aceitou. Olindo, que descobriu a iniciativa da esposa dias depois, não aceitou tão fácil. “Ele dizia que eu era louca, que não deveria ter ligado...” Olindo continuou indo à Toniolo, de vez em quando, passar umas horas, rever amigos e o trabalho que enchia os seus dias de alegria.

Sentir a mudança

No início, ficar em casa deprimiu Olindo. Mas, aos poucos, a vida em família foi amaciando o homem tradicional, rígido e pouco dado aos afetos. “Depois do nascimento das netas, isso de mostrar que ama foi mudando nele”, conta Lisandra, que sempre morou na casa dos pais. Olindo foi se apegando à casa que amava, às árvores frutíferas no quintal (motivo para ele não querer trocar de casa por proposta nenhuma), aos bichos de estimação. A rotina de ir à feira, à missa (todos os domingos, sem falta), ao vizinho para levar a capelinha – não sem antes colher um beijo de despedida de quem estivesse em casa – ao carteadado com os amigos e com a esposa foram tornando mais leve o Olindo da última parte da vida. “Ele adorava jogar carta. Não podia me ver parada que me chamava: com as cartas

já na mesa”, lembra Teresinha. Olindo ocupou o tempo, curtiu os netos, os amigos... Foi se tornando o homem que a nova vida oportunizava.

Para Lisandra, o pai foi, por muito tempo, a figura tradicional do provedor. “Tinha a cultura do “homem é quem traz o dinheiro para casa. E a mulher se encarrega do resto”, explica. “Ele chegava cansado do trabalho. Algumas vezes, eu pedia para ele ficar com a criança no colo, se estivesse chorando”, conta Teresinha, sobre o máximo de “coisa de mulher” que o marido fazia. Se pedisse qualquer tarefa extra, como um serviço doméstico ou trocar fraldas, Olindo torcia os dedos no canto da boca, como se pegasse o bigode, para justificar por que não era tarefa dele, o homem. E isso mudou também nos dez anos após uma vida dedicada ao trabalho, e especialmente depois que Teresinha passou a ter internações hospitalares mais frequentes, por causa da artrite, que reduz seus movimentos, e de um problema pulmonar, que limita em 30% sua capacidade respiratória e demanda o uso contínuo de oxigênio. “Ultimamente ele fazia bastante coisa em casa. Tirava a mesa. Lavava uma louça, secava. Passava o pano na garagem, de lá para cá, pisando onde tinha limpado. Do jeito dele. Mas fazia”, ri Teresinha.

À direita: Olindo trabalhou na Toniolo Busnello, como operador de máquinas, por 23 anos







Durante a carreira na Toniolo Busnello, Olindo teve dois acidentes e dias intensos de trabalho. Mas foi também sua grande paixão.



Olindo, de azul, à direita, com alguns dos irmãos.



Já adulto, Olindo teve uma curta experiência no Helen Keller, escola para surdos. À direita, com a mulher, Teresinha, nas bodas de ouro.





As bodas de ouro foram celebradas na igreja do bairro Santa Lúcia, que Olindo frequentava todos os domingos. À direita, o casal com os filhos e netos.



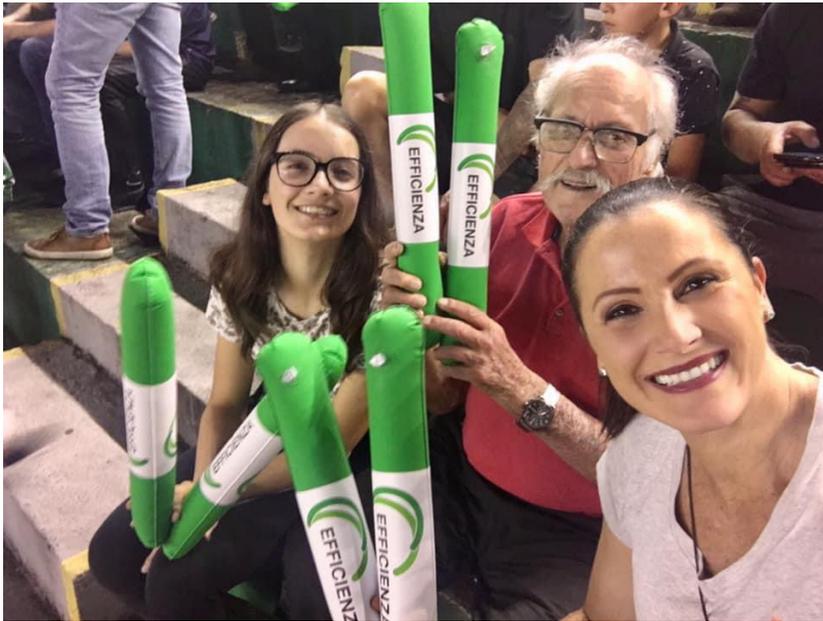




Churrasco em família, um dos programas favoritos de Olindo.



Com sua gaita, divertindo a família em Guaporé.



Com a filha, Lisandra, e a neta, Leticia.



No quintal de casa, onde ocupava o tempo cuidando das plantas, outro motivo para amar a casa da família.

Sentir a música

Lisandra explica que a visão de mundo do pai era limitada. “Em muita coisa, ele era como uma criança, e a gente não tinha como explicar”, conta a filha, ao tentar desenhar o mundo do pai, sem estudo e sem linguagem universal, para quem algumas coisas eram realmente impossíveis de entender.

“Meu pai não sabia o que era política. Nem a AIDS ou o câncer.”

Foi à minha formatura, mas não sabia o que era a minha profissão (jornalista): sabia o que era o estudo. Visitou meu trabalho, mas tudo o que sabia é que era um escritório”, exemplifica. Olindo tinha uma visão restrita também sobre algumas convenções sociais. Em alguns períodos, a família passou por dificuldades financeiras. Teresinha, que administrava a casa, em um desses meses apertados, decidiu vender um acordeon que o marido tinha “do tempo de solteiro”, não se sabe bem por que. “A gente precisava de dinheiro e ele concordou. Saí de ônibus com a Lisandra e vendi a gaita Todeschini, linda, no mesmo dia”, lembra. “Trinta anos depois, ele quis a gaita”, conta a mulher. “Eu estava internada no hospital e ele nunca visitava. Acho que era porque não gostava

de hospital. Mas um dia ele foi. Mas não para me visitar. Queria que eu fosse pra casa comprar uma gaita, dizia que eu não deveria ter vendido", conta, com bom humor. Assim que voltou para casa, preocupada com os picos de ansiedade do marido que "quando queria uma coisa, não era de esquecer", providenciou a gaita nova. Naquele dia, Olindo foi ao plantão do hospital porque a mulher suspeitava de algo errado pelo quadro de ansiedade. "Não era nada. Trouxeram a gaita aqui em casa, à noite, e, pronto! Melhorou."

Depois dos filhos criados, a família tentou que Olindo aprendesse uma linguagem que ampliasse a sua comunicação. Ele chegou a frequentar aulas na escola para surdos Helen Keller, mas, por causa da idade avançada e do cansaço de dias intensos de trabalho, ele não conseguia acompanhar as turmas. "Ia mesmo só pelo convívio", conta Lisandra. As limitações de Olindo nunca foram barreira para ele se relacionar com as pessoas, ainda que ele não entendesse o mundo delas, e elas nem sempre entendessem o que ele queria dizer. "Em todo o lugar que a gente morou, ele conhecia todo mundo, As pessoas passavam na frente de casa, cumprimentavam e ele acenava de volta. Muitas vezes, eu nem sabia quem era", conta Teresinha. Olindo gostava de festa, de missa cheia, de chimarrão e churrasco em família.

Sentir o amor

Em 2016, pode reunir tudo isso na celebração das Bodas de Ouro com Teresinha, diante dos filhos, bem criados e com rumos na vida que orgulham os pais: Edelvandro (pai de Natali, 14, e Gabriela, 9), Leandro (pai de Carolina, 13) e Lisandra, (mãe de Leticia, 14). Em uma cerimônia para a igreja lotada e uma confraternização pequena, com 30 pessoas, a família compartilhou um dos dias mais felizes da vida de Olindo.

“Eu e a minha filha arrumamos a mãe. Os meninos arrumaram o pai. Naquele dia ele acordou ansioso para arrumar a roupa, tomar banho, fazer a barba. Parecia um adolescente”, conta Lisandra. “Na noite anterior, estava todo preocupado com as alianças. Tu queria ver alguém feliz foi ele, naquele dia”, recorda Teresinha. “Depois, me pediu mais umas três vezes se a gente ia casar de novo”, conta a esposa, reproduzindo o gesto do marido de colocar a aliança que, por ele, poderia ter ser repetido, independente da nossa contagem lógica de melhores datas para celebrar bodas, nos outros quatro anos de união. Até que a morte os separou.

Sentir o adeus

Olindo morreu vítima de complicações da covid-19, que atingiu toda a família, em um ano marcado pela

pandemia do coronavírus. Até outubro deste ano, o vírus fez mais de um milhão de vítimas pelo mundo, 160 mil só no Brasil. Até a redação desse perfil, a pandemia não tinha previsão de vacinação em massa e seguia aumentando os números de infectados. Lisandra acompanhou a internação do pai, abalado pela doença, pela vontade de ver a mulher, por não entender tantos aparelhos e procedimentos médicos... Olindo estava inquieto por não saber exatamente o que era essa dor que havia o colocado em um hospital nem a doença que obrigava a todos a usar máscara.

“Para mim, foi muito importante essa oportunidade de estar perto e poder cuidar dele”,

conta Lisandra, liberada para acompanhar o pai e ajudar na comunicação. Lisandra entendeu que Olindo sentia que iria morrer quando ele juntou as mãos, contorceu a face em expressão de dor e as levantou para o céu. Naquele dia, eles rezaram juntos muitas vezes. E a filha viu o pai pedir ajuda para Deus antes de ele ir para a UTI, a fase de afastamento mais dolorosa para a família. Em em 28 de agosto de 2020, depois de duas semanas internado, de ter se recuperado de uma pneumonia e de, teoricamente, ter livrado-se do vírus, Olindo não resistiu ao trauma de uma

infecção hospitalar.

Teresinha, que foi intérprete, gestora financeira, advogada, amiga, protetora, incentivadora e mulher dedicada de Olindo, guarda, dos 54 anos de casamento, uma eterna admiração: “ele foi uma pessoa melhor do que eu”. Lisandra, que agora segura mais forte a mão da mãe, lembra do pai, antes de tudo, como um bom amigo. “Eu nunca tive isso, de ouvir um ‘conselho de pai’”, conta a filha, sem traumas, mas para explicar a relação que desenvolveu com Olindo. “Meu pai sempre nos educou pelo exemplo: de ser honesto, ético, de não fazer nada errado, de trabalhar, de cuidar da família... Era um homem forte, decisivo e de muito respeito”, conta a caçula. Para ela e os irmãos, receber educação foi prestar atenção aos conselhos da mãe e aprender a entender o comunicativo olhar do pai, que dizia mais do que os gestos. O restrito mundo de Olindo foi a sua casa e a sua família. E ali, um idioma que só fazia sentido para eles, bastava: o sentir profundamente. Compartilhar amor com o pai era sentir e fazê-lo sentir, como nas valsas que Lisandra dançava com ele nos bailes onde “a primeira dança das meninas era sempre com o pai”. “E ele dançava direitinho, acompanhava a música”, recorda a filha, admirada com a sensibilidade incrível do pai, talvez complexa demais para que, aqui de fora, a gente entenda o como funcionava o mundo interior dele.

Como um toque de gaita que só faz sentido para quem sabe ouvir, a trajetória de Olindo segue embalando a história da família De Bona.

